

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 98

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2500. Semestre, 1300 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os ars. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

2.º Anno

A QUESTÃO CLERICAL

Nenhuma nação foi mais dilacerada por guerras civis que a Inglaterra. O que tem acontecido neste seculo á Hespanha e á America hespanhola aconteceu, em muito mais larga escala, e com um apparatus tragico incomparavelmente superior, á Inglaterra em tempos anteriores.

São as luctas de constituição, de desenvolvimento, de reorganização das nacionalidades, de conquistas liberaes, de aspirações de progresso, cheias de perturbações e de sangue enquanto se não firma a lei evolutiva da sciencia, que requer liberdade e cultura para dar os seus fructos pacíficos.

A's vezes misturam-se ambições pessoais n'esses grandes combates pela civilização. Mas são simples accidentes e incidentes, derivados e enertados n'uma causa de interesses e razões supremas. Quando esta grande causa não exista, dando logar a que as ambições invoquem o seu nome, a sua égide para especular em nome d'ella, não ha interesses pessoais capazes de provocar batalhas, não ha general nenhum que arraste exercitos atraz de si para se proclamar marechal ou dictador.

Na Inglaterra moviam-se interesses dynasticos, ambições de favoritos á sombra da grande lucta sustentada pelo povo para a conquista da sua emancipação; na Hespanha e na America hespanhola teem apparecido os mesmos interesses e as mesmas ambições; mas nem acolá, nem aqui, eram e são esses interesses a causa inicial e dominante. Comtudo, a toda a hora nós ouvimos a ignorancia apregoar a ambição dos generaes como a origem das luctas intestinas que teem dilacerado n'este seculo a raça hespanhola; comtudo, a cada passo se diz e apregoa que a raça hespanhola é desordeira, irrequieta, instavel nas suas instituições, accusação tambem lançada á França, apontando-se a Inglaterra como o exemplo contrario, isto é, como a synthese da ordem, da cordura, do bom senso, da estabilidade politica, da evolução pacifica.

Não ha duvida. A Inglaterra tem hoje essa estabilidade, attingiu esse estado de progresso evolutivo, mas á custa das mais formidaveis luctas que a historia do mundo regista.

A Inglaterra vae, apenas, mais adeantada que todas as outras nações, em geral, e que as nações da raça latina, em particular. Mas conquistou essas honras de vanguarda com torrentes de sangue e com energias sem par.

Oxalá que a ignorancia soubesse isto. Não iria embalada em illusões, não mergulharia em erros nefastos, não se envergonharia com afirmações falsas e grosseiras. E é bem certo que não ha emenda possivel para o homem enquanto o homem não conhece a verdade e não reconhece o erro.

A marcha da evolução não se faz serena, efficaç, productiva, sem o triumpho da liberdade. Esperar os fructos da evolução com o triumpho do despotismo, como em Portugal, como em Hespanha, é rematada tolice ou fundamental patifaria. Assim, Portugal e Hespanha não teem tido metade das guerras civis que necessitavam. A liberdade só se conquista pela força. A evolução pacifica só se mantem pelo triumpho da liberdade. Quando os socialistas affirmam a conveniencia da democracia burgueza, isto é da liberdade politica, como meio indispensavel de evolução progressiva, os socialistas estão dentro da sciencia e, portanto, da verdade. Quando atacam os regimens democraticos ou consideram indifferente á evolução dos seus principios a formula conservadora ou a formula democratica, ainda mesmo quando dentro d'esta as reformas se realizem com censuravel morosidade ou tibiesas, os socialistas desconhecem completamente a historia e ignoram deploravelmente a sciencia social.

As leis da evolução são tranquillias e pacificas dentro da liberdade. São perturbadoras dentro do despotismo, porque, n'este caso, teem de produzir resultados por meio de expulões periodicas, resultados, em taes condições, sempre incompletos.

A Inglaterra conquistou a sua liberdade, manteve-a e progrediu. Portugal, Hespanha e outras nações, ainda sob o jugo do despotismo, hão de conquistá-la tambem—e hão de conquistá-la pela força como a conquistou a Inglaterra—e hão de mantel-la, se quizerem progredir. De outra forma a evolução será, entre ellas, tão incompleta, tão perturbada na sua marcha ascensional, distanciar-se-hão, por tal forma, das nações onde o progresso se realiza desafogadamente, que terão de succumbir na concorrência internacional.

Mas seria o esforço do povo inglez a causa exclusiva do triumpho definitivo da sua liberdade, ou haveria tambem um bocado de fortuna, de bom acaso, de sorte a auxiliá-lo?

A sorte é companheira inseparavel do bom exito. A intelligencia é um grande poder. Mas nem sempre produzirá resultados immediatos se a não favorecer a occasião. Ora o povo inglez teve sorte, como vamos vér.

A expulsão do papismo da Inglaterra coincidiu precisamente—notavel coincidência e felicidade—com o periodo de maior poder e absolutismo real que atravessou aquelle grande paiz.

A lucta pela liberdade tinha sido formidavel. As reivindicções das communas tinham sido impostas, por mais do que uma vez, com as armas na mão. João Sem Terra, atacado pelos porqueiros e merceiros do tempo, e pelos pés descalços, é obrigado a assignar, na planície de Runnime, junto de Windsor, a 15 de junho de 1215, a celebre *Grande Carta (Magna Carta Libertatum)*, que foi um dos actos mais importantes da historia da Inglaterra.

As revoltas, entretanto, continuam pouco depois. A guerra dos cem annos cança a nação. A guerra das *Doas Rosas* dilacera e extenua-a. A nobreza, que tanta resistencia oppunha ao rei na camara alta, quasi que desaparece. O parlamento tinha perdido toda a sua auctoridade e a camara popular, que se animava com os exemplos de resistencia da camara fidalga, não se atreve já a resistir. As classes trabalhadoras perdem toda a sua força, que provinha em parte da sua riqueza, depois d'essas grandes guerras que deixaram annullada a agricultura e paralyzada a industria. A illegalidade e o abuso campeiam por toda a parte. De forma que a nova dynastia dos Tudors encontra o campo livre para o mais amplo despotismo.

Henrique VII, o primeiro da dynastia dos Tudors, é um verdadeiro rei absoluto. Henrique VIII, seu successor, vae mais longe e governa com manifesto despotismo. Mas a sorte favorece a nação ingleza e d'este mesmo despotismo sabe a liberdade!

Henrique VIII, que esteve sete annos sem reunir o parlamento, que poz completamente de parte o uso e a lei da camara popular repartir as contribuições, a maior regalia d'essa camara, não quer dominação de qualidade nenhuma e repelle a supremacia do papa, não por espirito religioso, mas porque quer ser elle em Inglaterra o chefe e o senhor de tudo. O papa a dirigir o clero affrontava-lhe o seu espirito de despota. E, então, proclama-se elle o chefe da religião, substituindo o romanismo pelo protestantismo.

Sem este incidente, é bem possivel que os destinos da nação ingleza tivessem sido outros. O despotismo estava triumphante, a nação, cançada de lutar, sentia-se impotente. Se Henrique VIII, em vez d'uma razão fria, cahe no fanatismo e se entrega nos braços do clero catholico, como, em circumstancias

identicas, acontecen na Hespanha, Portugal e França, a Inglaterra teria seguido o rumo approximado das outras nações catholicas. Assim, salvou-se, por uma circumstancia feliz, circumstancia que veio em auxilio do espirito de independencia e de liberdade de que a Inglaterra havia já dado tantas provas.

Salvou-se.

Henrique VIII não quer supremacias, como não quer liberdades. Portanto, accende as fogueiras contra os catholicos e, ao mesmo tempo, contra os livres pensadores. São queimados, juntos, os papistas, e os protestantes que advogam a mais ampla e completa liberdade de consciencia. O rei tem tanto horror ao papismo como ás heresias.

Mas este estado de espirito, sob o ponto de vista religioso, é o estado de espirito da grande massa da população, que acceta facilmente a guerra aos absurdos e ás immoralidades de Roma, mas sem admittir a discussão da base fundamental das suas crenças. O povo applaude e o rei toca o ange do poder despotico.

Henrique VIII proclama-se em 1531 chefe da Igreja Anglicana. Faz subir ao cadafalso todos os prelados e curas que se conservam fieis ao papismo.

Confisca todos os bens ecclesiasticos, esvasia os conventos, onde um inquerito anterior tinha encontrado os mais extraordinarios abusos, e divide em tres partes as immensas riquezas que encontrou distribuindo uma pela Igreja nova, outra pelos collegios, universidades e estabelecimentos de beneficencia, e a terceira pelos cortezaes e fidalgos servis da sua cõrte.

Succede-lhe seu filho Eduardo VI, ainda creança, que mantem o protestantismo. A vida de Eduardo foi curta e succede-lhe Maria Tudor, catholica, filha de Henrique VIII e de Catherina de Aragão.

Maria restabelece o catholicismo.

Essa mulher reina só quatro annos (1554-1558), mas são quatro annos de atrocidades, de feroz reacção catholica, de crueldades taes que lhe valeram na historia o cognome de *Sanguinaria*. São quatro annos de maiores atrocidades que todas aquellas que Henrique VIII commetteu nos longos annos do seu despotismo, sem contar que Henrique VIII foi um habil administrador e politico.

Esta mulher foi a maior força a favor do protestantismo. Todas as outras nações protestantes viram o que lhes succedera com a restauração do catholicismo romano e aferraram-se nas novas doutrinas.

Entre muitos outros, mandou

Maria Tudor á fogueira os tres bispos protestantes Hooper, Ridley, Latimer, e o arcebispo Cranmer. Fez subir ao cadafalso, entre outros, a infeliz Joanna Grey.

Toda a gente deveria lêr esse periodo interessantissimo da historia ingleza para se possuir contra todas as religiões do aborrecimento e tédio que ellas merecem. Contra todas as religiões e contra todos os despotismos, religiosos ou politicos.

Essa figura de Henrique VIII é verdadeiramente abominavel. Fervoroso partidario do papa primeiramente, recebendo de Leão X, em 1521, o titulo de defensor da fé, titulo que conservaram depois todos os soberanos de Inglaterra, persegue ao principio vivamente os partidarios da Reforma fazendo executar Bilney, Frith e outros. Cioso do poder de Roma, substitue-se ao papa, declara-se infallivel a si proprio e persegue então cruelmente não só os papistas como os proprios reformistas que não accitam a sua infallibilidade.

Esse homem, que já tem sido chamado na historia o Nero inglez, esse homem, que repudia esposas, que faz subir outras ao cadafalso como Anna de Bouleña, que manda executar, ao subir ao throno, os ministros de seu pae e, mais tarde, os ministros que elle proprio nomeia em substituição d'aquelles, que manda cortar friamente a cabeça de Buckingham e de Thomas Morus cercando estes assassinatos das mais minuciosas formulas judiciarias, esse despota, esse horroroso assassino, esse tyranno que em 1536 manda realizar execuções em massa por causa da celebre *pergrinação da graça*, esse monstro que não poupa mulheres, creanças nem velhos, que entrega lady Salisbury ao carrasco e pouco depois sua propria mulher, é um dos exemplares de loucura humana mais curiosos no campo da sciencia. Filho d'um ente anormal, como já era seu pae Henrique VII, transmite aos seus descendentes as anormalidades herdadas. Sua filha Maria é um monstro. Sua filha Isabel outro monstro. Monstros em que o talento fulgura a par das mais espantosas aberrações moraes. E—contradiecções singularissimas mas de que ha exemplos na vida—é d'estes monstros que sahe a Inglaterra moderna, forte, livre, progressiva!

Um Henrique VIII mais coherente ou mais normal poderia ter aberto outro caminho aos destinos da Inglaterra. Um simples incidente, uma occasião perdida ou mal aproveitada faz mudar inteiramente a vida d'um homem ou d'um povo, sem que a raça ou o temperamento influam ás vezes para isso em coisa nenhuma. São

Cartas d'Algueres

20 DE JUNHO.

Um dia d'estes fui ao theatro, contra o meu costume. Não vou onde se reúne muita gente, porque a vista dos outros mais me aborrece do que me alegra. Mas representava-se o *Tartufo* e eu, já porque tenho uma extraordinária predilecção por Molière, cujo espirito e feição está muito no meu gosto, já pelas circumstancias particulares da questão clerical no nosso paiz, tive interesse em vêr aquillo. Fui e digo-lhes que vim de lá arraigado na minha idéa sobre o valor intellectual e moral da sociedade portugueza. Sim, da sociedade portugueza. Não se offenda a sociedade da terra, que não vale menos que a sociedade de todas as outras terras.

Um certo orador da *Liga Liberal*, ou *União Liberal* disse, n'uma ultima reunião em Lisboa, com muita rhetorica e enthusiasmo, ao que vejo nos jornaes, que o movimento liberal era muito mais sincero em Portugal do que em França, que tinha muitas esperanças, que confiava n'um movimento redemptor, etc.

Bravo, cidadão! Bravo. Receba os nossos parabens pelo seu patriotismo. E' bonito, como se costuma dizer, fica-lhe bem. Pois então não é sincero o movimento liberal em Portugal, muito mais sincero do que em França! Isso é. Que o diga o sr. Dias Ferreira, que estava presidindo á reunião onde o patriótico orador preconizou a redempção do seu paiz. Que o diga o illustre parlamentar, que vai poupando todas as suas energias e palavras para a tal hora de redempção.

Em França ha duzentos deputados que todos os annos atacam, pelo menos, o clericalismo na camara, quando se discute o orçamento dos cultos, e que votam contra o mesmo orçamento. Em Portugal, atravessa-se um periodo de agitação nacional sem que nenhum deputado, nenhum, levante essa questão no parlamento. Sinceridade e redempção até aqui.

Francamente, eu devo deferencias e delicadezas ao orador que proferiu taes heresias no seio da *União Liberal*. Senão, eu dizia-lhe quatro coisas duras, ou perguntava-lhe, pelo menos, se esteve a *mangar com a tropa!* Porque o nosso amigo, acreditados, foi irritante.

Assim, limito-me a protestar, porque protestos não offendem amizades nem pagam mal delicadezas.

Mais sincero o movimento liberal em Portugal do que em França é mais promettedor! Pois nem ao menos a presença do sr. Dias Ferreira o fez emudecer? Note-se; tambem não nos move nenhuma animosidade contra o sr. Dias Ferreira. Pelo contrario. Reconhecemos em s. ex.^a muitos meritos e devemos-lhe um assignalado servico em circumstancia melindrosa da nossa vida. Mas nada d'isto é motivo para deixarmos de dizer a s. ex.^a o que francamente sentimos. Nem delicadezas nem favores importam lisonja ou criminosos silencias. O que levou o sr. Dias Ferreira, que é um homem illustre, que tem tradições democráticas, em cujo amor á liberdade nós sinceramente acreditamos, o que o levou a limitar-se no parlamento a duas phrases banaes de referencia, e por mero incidente, á questão religiosa, em vez de a levantar com a energia e profundidade de que s. ex.^a é capaz e que a questão reclamava?

O que foi, como foi e porque foi isso?

Por amor da liberdade e pela propria estima que temos por s. ex.^a muito desejavamos nós sabe-lo e justifica-lo. Mas parecemos que não haverá justificação admissivel.

O sr. Dias Ferreira deu um mau passo, tanto mais quanto o paiz todos os outros desculpa menos elle. O sr. Dias Ferreira é o unico homem da monarchia que ainda tem cotação moral. Terá commettido erros e alguns temos nós reconhecido e apontado. Mas ninguem lhe pôde negar nma administração decorosa e honesta, distanciando-se bem, com todos os erros e fraquezas, de todas as administrações que temos visto para ahí.

Por isso mesmo o paiz tem direito a exigir de s. ex.^a alguma coisa e razões para não exigir dos outros coisa alguma.

Mais sincero o movimento liberal em Portugal do que em França! Venha aqui vêr commigo representar o *Tartufo* e depois me dirá se continúa confiando. Venha aqui vêr uma obra prima de litteratura, de verdade e de justiça, decorrer no meio da ignorancia de quasi todos, da hostilidade de uns e da indifferença de outros. Venha vêr os liberaes a namorar enquanto se trava no palco o dialogo primoroso, as damas beatas a fugir e os cavalheiros devotos a empalidecer.

Só o povo, coitado, verdadeiramente gosta e applaude. Gosta e applaude porque é de instincto adverso a todas as hypocrisias. Applauda e gosta mais meia duzia. Mas a esta meia duzia fica reduzido o valor intelligente dos que gostam e applaudem porque sabem e percebem.

A namorar! Eu vi uns poucos de pares, e *liberaes*, a namorar, enquanto decorriam aquellas scenas cheias de belleza, aquella dialogo cheio de espirito, de joias litterarias, d'arte sublime!

Pudicos chefes de familia, encolhidos ao canto dos camarotes, muito sérios, muito séria a esposa, que não se atreve a olhar para a scena, muito sérias as meninas, sem que a graça infinita da comedia consiga descerrar-lhes os labios n'um sorriso, confessando aquellos, os chefes da familia, os homens, liberalismo franco, mas preferindo auxiliar as philarmônicas a subscrever com dez réis para fundação de escolas laicas destinadas á instrucção do povo, mas concordando que se não devem offender, com obras como as de Molière, os sentimentos religiosos das familias.

D'estes tem a *União Liberal* de Lisboa fartos representantes. São quasi todos, benditos sejam elles. Mas seja nos licito citar como sythese o illustre cidadão e egregio varão Nunes da Matta, que nunca conheci melhor symbolo da paz, da conciliação, da brandura, da transigencia, do amor!

E um cidadão Dias Ferreira, que é negociante, ou coisa que o valha, e que pertence á commissão executiva, ou coisa parecida, da benemerita Junta Liberal? Não será melhor que o cidadão Nunes da Matta. Mas é da gente cruzar os braços sobre o peito e de lhe fazer gestos e reverencias de respeito enquanto o avistar.

E são estes, no meu paiz, os salvadores, que digo? os vingadores da liberdade!

Mas voltemos aos personagens do theatro.

Damas de flôr ao peito e cavalheiros de chapéu alto largando a vista e o pensamento da scena para trocarem olhares languidos e suspiros.

Apostar em como estes consideram immoral vêr a Zaza e lêr os livros de Eça de Queiroz?

Outras damas estupidamente indignadas, damas do *sacré-cœur*, claro é, que o tal *sacré-cœur* é cofre de estupidéz e de ignorancia antes de ser cofre de graças, damas e cavalheiros do *sacré-cœur* amarellos, indignados, berRANDO coleras contra a licenciosa liberdade que permite espectaculos de tal ordem.

Mal diria o pobre Molière que duzentos e trinta e quatro annos depois ainda haveria peores cavalgadas que as do seu tempo!

Foi em 1664 que Molière es-

factos de observação quotidiana. Gastas as energias da Inglaterra nas longas campanhas dos cem annos, enfraquecida consideravelmente a sua nobreza na deploravel guerra das duas Rosas, empobrecida a burguezia, lançado o povo na miséria com a anniquilação da agricultura e a paralyção da industria, um Henrique VIII, que se lançasse no despotismo clerical, em que parecia lançar-se ao principio, que se deixasse absorver por Roma como se deixou absorver Carlos V, Philippe II, Luiz XIV e outros despotas coroados, que dêsse ao romanismo a força centralizadora e absorvente que lhe dêram estes despotas, teria dado um golpe tamanho no espirito de independencia e de liberdade da velha anglo-saxonia, espirito abatido como vimos, predisposto, n'aquelle momento historico, a aceitar o despotismo como dissémos, que os destinos da Inglaterra teriam mudado ou esta nação estaria longe ainda hoje, pelo menos, como longe estão todas as outras nações catholico-romanas, da raça latina, da raça germanica, da raça celta ou slava, do extraordinario estado de civilização e de progresso em que se encontra.

Mas Henrique VIII, admitindo a reforma, repellindo Roma, abriu as portas ao livre exame, quebrou a força, o prestigio, o terrível poder suggestional das infallibilidades, despertou o espirito de independencia e de critica dos anglo-saxões e não houve violências suas capazes já de deter a torrente, aberto o dique. Pelo contrario, as suas perseguições foram uma excitação, um poderoso factor de resistencia, n'um povo de caracter teimoso como o povo inglez.

A attitude de Henrique VIII, parando no repudio de Roma, na substituição do papa pela sua pessoa, e em pouco mais, provocou immediatamente desejos de reformas mais energicas. Ao lado da Igreja creada por Henrique VIII appareceu logo a seita radical dos puritanos e de balde Henrique tentou amiguiá-los e emudece-los com o cadafalso e a fogueira.

Foram estes que passaram a ser em breve os verdadeiros inimigos. A regencia de Eduardo VI, contra elles volta de preferéncia as suas iras e contra elles continúa a furiosa perseguição do reinado anterior. Como diz Armand Carrel—*Histoire de la Contre-Revolution en Angleterre sous Charles II et Jacques II*—Bruxellas 1836 (1) pag. 13—ás atrocidades, commettidas no sentido de afirmar a supremacia religiosa do rei, reuniram os homens mais intelligentes de todas as seitas arrancando-lhes um *grito de justiça*. Lançou-se por toda a parte o pregão de *liberdade de consciencia*. Escreveu-se e espalhou-se o pamphleto. «As mesmas proclamações misturavam pela primeira vez os ataques politicos á queixa religiosa; diziam que era preciso fazer sahir as

communas do seu aviltamento e liberta-las da tyrannia dos ricos.»

A rainha Maria, encontrando esta situação, teve de conceder á camara popular grande parte dos antigos privilegios para obter o seu auxilio. «A contra revolução da rainha Maria, diz Armand Carrel, pag 18 do livro citado, foi um outro passo para a revolução politica.» Não se atrevendo a arrancar os bens ecclesiasticos das mãos dos seus possuidores, limitou-se a dar aos frades apropriados uma indemnização, insufficiente para lhes fazer re-adquirir o prestigio perdido e bastante para dar logar a murmuracões da camara alta e a queixas da camara baixa. Além d'isso, voltando as suas perseguições contra todos os protestantes, uniu n'uma mesma resistencia e n'um mesmo combate as duas seitas rivaes. O resultado, escreve Carrel, foi que a mais energica e ou-sada dominou, arrastou, absorveu a mais moderada. Quando Isabel subiu ao throno, já não teve força, apézur de todo o seu despotismo, para esmagar os puritanos e mais do que uma vez teve de transigir com elles, apézur de toda a severidade dos seus decretos e de toda a violencia na sua execução.

Em 1571, decimo terceiro do reinado de Isabel, um membro da camara baixa pediu uma reforma religiosa mais completa. A rainha ordenou-lhe que nunca mais comparecesse na camara. O deputado dispoz-se a obedecer, mas os seis amigos sustentaram que um deputado, por incorrer no desagrado real, não perdia o seu caracter de eleição. Travou-se um debate vivissimo na camara sobre os privilegios parlamentares; a côrte teve que ceder; o deputado voltou e foi coberto de applausos ao entrar a porta da sala onde os deputados se reuniam.

Compare isto, no tempo da despotica rainha Isabel de Inglaterra, compare essa independencia com a subserviencia abjecta da camara portugueza em pleno seculo vinte e no reinado constitucional de D. Carlos I!

A rainha instigou o tribunal religioso chamado *alta commissão* e o tribunal politico chamado *camara estrellada* a perseguir os puritanos que escreviam publicamente contra ella, n'uma guerra activissima, pela imprensa legal primeiro e pela imprensa clandestina depois. O curasco teve que fazer. Debalde. O proselytismo continuou. E os puritanos passaram da propaganda religiosa á propaganda politica, afirmando que os reis, aos olhos de Jesus Christo, eram os ultimos dos vassallos, que se a sua supremacia religiosa derivava da sua auctoridade politica, em parte alguma da lei divina estava escripta uma soberania de tal ordem.

Isabel, com o seu talento penetrante, percebeu o alcance de uma tal propaganda. Fugiu de a excitar com a discussão e morreu com sérias apprehensões sobre a manutenção do poder absoluto.

Tal foi a origem do livre exame na Inglaterra. Tal foi a maneira como resurgiu e se avigorou o velho espirito liberal da quella nação, espirito que esteve prestes a naufragar e a perder-se. Tal a maneira curiosa como do

despotismo resultou a liberdade.

N'outro artigo veremos as luctas formidaveis que ainda se seguiram.

Leiam, leiam todos, para verem como se lucta e como se triumpha.

Dr. Afonso Costa

Esteve na passada segunda-feira, 17, na vizinha comarca de Vagos, onde veio defender o sr. Visconde da Corujeira e Manuel Pimentel, de Mira, o nosso distincto amigo e illustre lente da Universidade, dr. Afonso Costa.

Os réus eram accusados de offensas na pessoa do vigario da freguezia de Mira, padre Antonio Correia Pires. O sr. Visconde da Corujeira foi condemnado em 4 mezes de multa a 100 rs. por dia, e Manuel Pimentel ficou absolvido por falta absoluta de provas.

Escusado será dizer que a defeza produzida pelo illustre cathedratico, foi brilhante e bem fundamentada.

Por absoluta falta de espaço não pôdemos publicar n'este numero o nosso folhetim o «Ivanhoé».

MUSICA NO JARDIM

Hoje, das 5 ás 7 da tarde, no jardim publico, a reputada banda dos Bombeiros Voluntarios de Aveiro, sob a habilissima regencia do nosso amigo João Pinto de Miranda.

E' de crer que a concorréncia seja extraordinaria para apreciar a execução e repertorio d'aquella banda.

Os crimes do alcoolismo

Um cultivador da aldeia de Ville-monteix, proximo a Bujaleuf, cantão do Châteauneuf la Forêt, matou a mulher com dois tiros de espingarda, e fez-se seguidamente justiga, dando um tiro nos miolos.

O assassino-suicida, que se chamava Marciel Dutreix, era um alcoolico temido de todos os habitantes da localidade. Era preguiçoso, brutal, capaz de tudo. Há de haver tres annos que um tal Tubau foi encontrado assassinado a quinhentos metros de Ville-monteix, e nunca ninguém deixou de suspeitar que o assassino tenha sido Dutreix.

Sua esposa era de irreprehensivel conducta. Mas elle, embrutecido pelo alcool que o fazia feroz, moia-a de pancadas e andava constantemente ameaçando-a de morte. Domingo, após violenta disputa, a mulher viu-se obrigada a abandonar o domicilio conjugal, e a pedir asilo e protecção ao maire adjuneto de Bujaleuf que ordenou á policia as devidas diligencias.

Acompanhada de auctoridades, a esposa-martyr foi então a casa para trazer a roupa que lhe pertencia e ir para casa da irmã. A' saída, o esposo, que estava embuscado no extremo do jardim, desfechou por duas vezes a espingarda, e a mulher cahiu soltando um grito, e não dando mais signaes de vida.

Perseguido, o assassino conseguiu refugiar-se em casa e fechar a porta por dentro, ameaçando de morte quem quer que tentasse entrar.

Pouco depois, ouvia-se terceira detonação. O miseravel havia fugido á justiça dos tribunaes, fazendo-se a si proprio justiga.

Quando a porta foi arrombada, jazia elle n'um mar de sangue, tendo o craneo despedaçado e os miolos espalhados pelo chão.

Era um espectáculo horrivel e uma horrivel consequencia dos abusos do alcool—esse veneno fatal que serve de chave para dar entrada ou nos predios ou nos manicomios, ante-camaras da sepultura.

Benefícios

Os actores do «Theatro Lisbonense» não teem mãos a medir para satisfazerem aos pedidos que teem de *benefícios*.

Hontem foi o beneficio dos pobres, com a representação das *Duas Orphãs*.

creveu a sua obra immorttal. Tendo apenas escriptos só tres actos representou-a deante da corte em 12 de maio de 1664. A tormenta que se desencadeou contra ella foi medonha e cahiram todas as injurias, infamias e parvoçadas do costume sobre o genial comediante. Molière viu desde logo a grande difficuldade que teria em fazer vingar a sua obra. Cinco annos andou de porta em porta a mendigar auctorisação para lhe deixarem representar a peça livremente. Entretanto choviam sobre elle pamphetos e anonymatos de toda a ordem contendo toda a casta de patifaria.

A que se sujeita o merito! Entre outros, procurou Molière o legado pontificio, ao qual leu a comedia, já completa. O legado, homem intelligente, approvou-lh'a.

Pois como fosse intelligente e sincero não podia fazer outra coisa. O que ridicularisa Molière, é a religião ou é a hypocrisia da religião?

Porque se indignam as cavalgaduras do Sacré coeur? Por Molière combater a hypocrisia? Então as cavalgaduras confessam-se hypocritas. Sinceramente religiosas, não. Quem fór sinceramente religioso só tem que applaudir Molière.

Por isso eu digo que as cavalgaduras de hoje ainda são peores que as do tempo do grande comediante.

Que Molière tambem as encontrou boas, vamos lá.

O legado pontificio approvou-lhe a obra e o mesmo fizeram alguns prelados aos quaes Molière tambem se dirigiu. Mas a opposição geral era tamanha que nem mesmo assim Luiz XIV, aliás amigo e protector do poeta, lh'a deixou representar publicamente. Só em 1667, estando o rei em Flandres, portanto livre da influencia beata da corte, Molière conseguiu auctorisação verbal para representar a sua comedia. depois de lhe ter feito varios cortes e mutilações. Sempre a religião truncando e difficultando a sciencia e o bello!

Em virtude d'isso, representou-se a peça publicamente em Paris, pela primeira vez, em 5 de agosto de 1667 tendo por titulo *O Impostor*. O primeiro titulo que o poeta teve em mente e aquelle com que a peça foi á scena nas primeiras representações particulares era *O Hypocrita*.

Representou-se pela primeira vez, publicamente, no dia 5 de agosto, como dissémos. Pois logo no dia immediato foi prohibida.

Molière voltou a pedir ao rei uma auctorisação escripta. Entretanto o arcebispo de Paris fulminava com a pena d'excommunição quem quer que lêsse, escutasse ou fosse vêr a nova peça. E o rei novamente hesitou. Então, resolveu se em 1669. Mas levou cinco annos a resolver-se, cinco annos durante os quaes Molière pediu e supplicou sem cessar, sujeitando-se a todos os incommodos e vexames, incommodos, vexames e perseguições que continuaram n'um crescendo tal que se chegou a negar sepultura em sagrado ao grande escriptor.

Só a muitas instancias e diligencias se conseguiu um capto escuro para depositar o cadaver do grande homem.

Arre, infames! E hei de eu acreditar na sinceridade dos libarães, eu que os vejo hoje, por toda a parte e de todas as fórmas, cada vez mais commodistas, mas conciliadores, mais egoistas, mais covardes, mais burros!

São no theatro o que são nas salas, o que são nas commissões, o que são nas assembleias geraes, o que são em toda a parte. Uns simples *blagueurs*, olhando mais ao effeito e á pose que aos resultados decisivos e sérios. Para isto falta lhes valor intellectual e moral.

Um amigo meu escreve-me dizendo-me que atire ao monte, se

me agrada, mas que poupe os poucos sinceros que ainda existem.

Pois poupo. Tenho esse dever e alegremente o cumpro. Mas tambem tenho o dever de não me deixar ludibriar pelo maior numero.

Isso não. Fui de toda a mansidão e condescendencia até ao decreto burla, embora não me illudisse com o que viria a acontecer. Mas, depois, achei que seria asneira não protestar, pelo menos.

E protesto. E protestarei sempre.

P. S.—Leio agora mesmo n'um jornal de Lisboa um extracto longo da ultima sessão da *Junta Liberal*. E por elle vejo a moção do sr. dr. Sabino de Sousa, moção que foi votada, diz o *Seculo*, **quasi por unanimidade!**

Moção em que a assembleia se declara *enthusiasmada com as conquistas já alcançadas pela Junta Liberal!*

São punos! São os genuinos! São do mais fino quilate! São de primeirissima ordem! Ou não estivesse lá o illustre varão Nunes da Malta, que até já quer idéas partidarias no barril do lixo, e o não menos illustre e talentoso cidadão que vende lenços á esquina da rua dos Capellistas.

Bravo, bravo, patriotas!

Videira monstro

Em Manteigas, villa situada na Serra da Estrella, possui o ex.^{mo} sr. D. Thomaz Cabral um exemplar digno de ser visitado.

O tronco d'esta videira mede metro e meio de diametro, cobrindo uma aréa de terreno superior a 250 metros quadrados e a sua produção regula por 500 litros de vinho.

Este titular conserva ainda ao seu serviço o creado que fez a plantação da videira.

Abençoada vide e abençoada terra.

Morte aos bacillos

No campo scientifico levanta hoje grande rumor uma nova descoberta do Prof. GIUSEPPE BANDIERA, chimico em PALERMO, graças á qual muitas pessoas tísicas tem recuperado saúde.

Submettido ao exame da Junta Superior de Sanidade, foi aquelle especifico experimentado e reconhecido como o unico remédio que, finalmente, pôde a sciencia oferecer contra os tuberculos pulmonares; tanto que hoje os medicos mais em voga não desdenham ordenar as POZIONE ANTISEPTICA, como remedio infallivel não só contra os tuberculos pulmonares, mas ainda contra as bronchites e catharras pulmonares, molestias que conduzem a morte e contra as quaes até hoje a arte salutar se declarava importante.

Esta descoberta é da mais alta importancia porque, mesmo entre nós se POZIONE ANTISEPTICA levantou já grande rumor pelas curas da tísica que em pouco tempo com elle se obtiveram. Curando com o antiseptico as molestias do peito, o egregio inventor tem obtido resultados maravilhosos que abrem um novo campo á arte de curar, mesmo as doenças que até hoje se reputavam rebeldes.

As substancias de que se compõe o especifico têm sobre os outros antisepticos a vantagem de matar os microbios sem prejudicar o organismo humano e de serem dotadas de uma diffusibilidade tal que se expandem facilmente sobre toda a superficie infectada pelos bacillos, geradores da suppuração. Logo depois cessa a febre, renasce o appetite e augmentam as forças. Notámos, entretanto, com prazer que nenhum inventor obteve jámais um plebiscito tão solemne como o teve o Prof. GIUSEPPE BANDIERA pela sua especialidade. Não ha pessoa que não a sinta gratidão, que não tenha feito encomios ao afortunado auctor. Fazendo-nos interpretes dos sentimentos de todos os nossos concidadãos, rogamos ao Prof. BANDIERA que não se limite a mandar o remedio só a quem lh'o pede, mas que estabeleça um deposito d'elle em algumas das pharmacias da nossa cidade, onde se possa achal-o prompto em qualquer caso de necessidade.

Procuraremos obter outras noticias que communicaremos aos nossos leitores.

«O OCCIDENTE»

Vem interessantissimo o n.º 808 do *Ocidente* tanto em suas gravu-

ras como artigos. Em gravuras publica: retrato do conde de S. Januario, ultimamente fallecido; seis bellas reproduções de quadros da Exposição de Bellas Artes, incluindo um magnifico retrato do fallecido pintor José Ferreira Chaves; retrato de Teixeira Bastos, tambem ha pouco fallecido; Palacio Foz sala de jantar; O Real Theatro de S. Carlos, Ricardo Wagner.

Os artigos são: Chronica Occidental, por D. João da Camara; As nossas gravuras; Sociedade Nacional de Bellas Artes, Primeira Exposição, por Xylographo; O Real Theatro de S. Carlos, por Francisco da Fonseca Benevides; A dynastia maráta da India e a origem portugueza do seu fundador, por Christovam Pinto; Lições de Photographia, por A. M.; Fã Sustenido, romance por Alphonse Karr, Publicações, etc.

Correspondencias
Jesuitas, frades e Irmãs da caridade

São tres entidades distinctas no pessoal e pelo titulo, mas que se resumem e como que se confundem no espirito que as anima, e nos sinistros intuitos a que todas visam: dominar os povos pelo embuste e pela hypocrisia e pela instrução erronea das novas gerações; em ultimo resultado pela accumulção da riqueza e pela cotação politica. Se nos tempos passados tem sido uteis e convenientes para o bem estar social, sabe-o muita gente antiga e nova, pela experiencia, e pelo ensinamento da historia. Se vingassem de futuro os fructos de taes instituições egoistas e interesseiras, não poderiam ser melhores, seriam ao contrario as mais prejudiciaes.

De alguns mezes a esta parte a França republicana, na gerencia de Loubet e do ministerio Waldek reconhecera, o que de ha muito devia estar reconhecido, que a seita jesuitica e as ordens chamadas religiosas com o apoio de grande parte do clero secular, e ainda de muitos homens do Estado maior militar, (o que é para mais admirar) trabalharam unidas no tenebroso pensamento de derribar as actuaes instituições, as quaes, com quanto ainda menos perfectas do que é mister, tem sido o regimen politico e administrativo com que a França mais tem melhorado, e está prosperando. Tratou-se então de pôr por obra a expulsão dos jesuitas, e pôr um dique aos seus planos e dos demais conspiradores para um golpe decisivo no regimen republicano, proclamando o reinado da orleanismo ou do bonapartismo, segundo as maiores probabilidades do triumpho. Saucidos que foram do territorio francez, muitos dos expulsos arribaram á Hespánha e a este desgraçado Portugal que tanto tem decahido n'esta ultimo meio seculo, sob o reinado do constitucionalismo, porque não ignoravam elles o bom acolhimento que tinham a esperar da parte de todos os reacionarios que são, infelizmente, muito numerosos, entre os quaes figuram os de roupa e sotaina, os de casaca e gravata, não sendo menores os males que tem advindo d'estes, do que os que aquelles tem causado para o nosso mal estar social que é sentido dentro e fóra do paiz e ainda mais do estrangeiro.

Com o bafio fagueiro que esperava da França republicana e a realisação da chegada dos jesuitas a alguns pontos de Portugal, começou de levantar-se em algumas terras mais importantes uma especie de borborinho que parecia querer tomar as proporções d'alguma borrasca tremenda, que arastasse céo e terra, mas afinal deu em calmaria, limitando se em vivas á liberdade e morras aos jesuitas. A imprensa que condemnou a entrada dos jesuitas francezes, e exigia a suppuração de todos os coios de ordens denominadas religiosas estabelecidas no paiz, recolhem-se ao mais absoluto silencio. A imprensa vae-se preocupando com outras coisas da politica indigena e como que esquecendo a questão recentemente levantada das ordens monasticas entre nós, e que na verdade estão esquecidas, tão profunda tem sido a lethargia dos go-

vernantes e dos governados, parece dar por cumprida a sua missão.

E' preciso que o povo e a imprensa liberal não adormecam novamente entregando se á indifferença que tem mostrado com os negocios publicos que lhe interessam de muito perto, quando não as coisas ficarão como estavam e não encaminhando-se para peor, apezar de todas as providencias governamentais.

E' preciso que todos os liberaes verdadeiros se empenhem n'esta cruzada, propugnando por todos os meios mais conducentes para que os decretos que extinguiram as ordens monasticas e estabelecimentos das chamadas hospitalaers tenham inteira execução, sem distincção entre estatutos e não estatutos que esses decretos não fizeram, e quando mesmo o fizessem, a nação que vale mais do que qualquer ministerio, deveria exigir por completo a suppressão de qualquer estabelecimentos que no seu fundo prejudiquem os interesses geraes e economicos.

A'vante, pois.
Taboa.
Bernardo José Cordeiro.

O JESUITISMO
NA
FIGUEIRA DA FOZ

Já lá vae o tempo em que a Figueira era uma terra liberal. Já lá vae o tempo em que eram corridos e apedrejados os sotainas e marmaros que tentavam fanatizar o povo. Já lá vae o tempo em que todos aproveitavam o pretexto do dia 8 de Maio (entrada dos liberaes em 1834 n'esta terra) para floriem as capellas com perpetuas e laços azues e brancos.

Ha annos ainda não se passava uma cavalhada de S. João que não trouxesse sua allusão picante a frades ou ao beaterio, como foi uma celebre burricada de beatas commandadas pelo famigerado *Santo Antoninho*, então mestre escola e grande bufarinho de bentinhas e amuletos e agora reduzido a uma negra miseria—justo castigo das *boas obras* que praticou.

Tudo isso passou e a Figueira leva de vencida a terra mais reaccionaria. Se não veja se: Devoção do mez de Maria—missas cantadas e resadas—terços—novena do Coração de Jesus—Lausperenne—etc. etc. O diabo emfim! E como ellas se enfeitam para ir á igreja! Como ellas tufam as saias brancas e se pavoneam nos seus lenços vistosos, nas mantilhas variadas, nos sapatos de polimento...

Pois então! Umaz cerimoniaes tão edificantes, tão bonitas, tão consoladoras! E não se lia de uma pessoa preparar para assistir a ellas? E a casa e os filhos e o marido que ficam ás moscas e que se arranjam como puderem; primeiro está a devoçãozinha. Ora é preciso notar que estas festinhas e vanigancias de carolice são novas na terra. Nunca foram precisas, nem são. Nunca se achou que fizessem falta. Que necessidade ha pois de trazer para a Figueira mais uma causa de demoralisação, de atrazo e de decadencia? Consta que o arcepreste de Montanos deixou uma lista das suas conjuistas. Senhoras das Figueira! Cautella com a lista! E os basbaques dos vossos maridos, paes e irmãos que continuam a deixar vos ir á igreja!

Mas como noticia de sensação cá vae: Uma benemerita cá da terra, boa pessoa, alguns republicanos até, lembrarão-se de formar uma commissão para fazer a festa do S. João. Até aqui está a cousa bem e os homens são dignos de louvor, mas vem o jesuitismo, mette-se na questão e apezar da esperteza dos homens empalmalhes a festa, faz com que elles comprem um santo novo por um dinheiro louco, que se resolvam a fazer uma procissão e assim transformam n'uma réles funcanata catholica uma festa que sempre foi bastante... pagã.

Mas ha mais: como o santo e outras fantochadas levassem todo o dinheiro que a commissão juntara, que não de fazer os seus engravados membros? Tiram-se dos seus cuidados e vão a Coimbra pedir dinheiro ao sr. Bispo, que os aperta ao peito. Lhes faz festinhas na cara e lhes dá 30 mil

réis! E aqui está uma commissão da liberal Figueira, com elementos republicanos para mais ajuda, que se deixa lograr por trinta dinheiros! Que os phariseus são de todos os tempos. Mas é preciso confessar que são pacovios.

Corre tambem por ahi uma historia que podia ter por titulo: *Como um Vigario mobila uma casa*—mas essa prova mais das unhas curvas dos filhos de Loyola ficára para mais tarde.

Um Figueirense.

Um milagre estupendo

A *Palavra* do dia 14, transcreve a seguinte noticia sensacional, d'uma folha hespanhola:

«O Parocho da povoação de Alboraya, no reino de Valencia, ia administrar o Sagrado Viatico a um enfermo na povoação de Almacera. Ao atravessar uma torrente, d'ordinario pouco profunda, mas n'aquelle momento engrossada por chuvas recentes, julgou poder, como d'outras vezes, pisa-la com facilidade. Escoregou-lhe, porém, o pé e o vaso que continha as sagradas fórmas cahiu-lhe. Não conseguindo achal-o, correu ao povo vizinho a narrar a sua desventura, e todos os homens da povoação correram á torrente em busca do precioso thesouro.

Depois de muitos e penosos trabalhos encontrou-se o vaso, mas aberto e vazio; assim, ao primeiro impulso d'alegria succedeu grande pezar; quando Deus, com um milagre inaudito, mandou ao seu povo uma inesperada consolação.

Appareceram á flor d'agua pequenos peixes trazendo cada um uma das hostias perdidas. Mantinham-se fóra da corrente com a cabeça fóra da agua, expondo assim á adoração dos alli reunidos as hostias santas. Os primeiros que isto viram, foram os que estavam ainda dentro da corrente e não se atrevendo a approximar se pelo respeito á Divina Magestade, chamaram o sacerdote com os restantes para que presenciassem o prodigio. O milagre era patente e todos foram de parecer que o sacerdote fosse á igreja revestir-se e os outros buscar cirios para formar processional cortejo ao Santissimo Sacramento. Entretanto os peixes permaneceram immoveis no seu posto; mas quando o sacerdote revestido dos ornamentos sagrados, se approximou da torrente, subitamente, sahindo da agua, se dirigiram a elle, levando-lhe cada um a sua hostia sa intacta e enxuta, apezar de ter estado horas na agua. Os peixes, como se tivessem comprehendido a gloria de terem sido dignos de tocar a adoravel Eucharistia, viviam se na agua manifestando com brinquedos a sua grande alegria. Então o povo, com cirios accesos e fervorosos canticos em acção de graças, acompanhou preciosamente o Santissimo Sacramento até á freguezia de Alboraya, onde as sagradas hostias se conservam ainda incorruptas.

Para consolar os habitantes de Almacera, que era onde ia o Viatico, deu-se-lhes o vaso, que ainda conservam. Além d'isso, sobre um rico vaso da sua igreja, fizeram gravar dois peixes que trazem a hostia santa e estas palavras: «Quem negará d'este Pão o mysterio quando um mudo peixe nos prega a fé?»

O milagre é, effectivamente, tremendo, mas não nos surpreende. Aquella coisa dos peixes com a cabeça fóra d'agua duranduas horas, com a hostia na bocca, e depois a orgia no meio do rio, manifestando a sua alegria por tocarem o santo vaso, não é acontecimento inédito. Já Santo Antonio pregava ás tainhas, nos seus tempos de graça celeste. Agora, se cada peixe apparecesse d'ouculos e brevium aberto, dizendo aos redactores da *Palavra* que não fossem parvos ou hypocritas, então, sim senhor:—era milagre de se lhe tirar o chapu!

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o **MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio café cru de diversas marcas, café torrado em grão e moido, avulso e empacotado, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a prazo, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços razoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Baírrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 réis, sendo para consumir em casa de freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, pregos, para fusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, clorato, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

NOVA ALQUILARIA

DE

MANUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa continúa a haver carros de aluguer, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Vende-se pallia sarrotada para gado.

Rua da Alfandega—AVEIRO

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia **SINGER** obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, **Grand-Prix**.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

Carimbos de borracha



OS MAIS NITIDOS, PERFEITOS E DURAVEIS

Para industriaes, commerciantes, particulares e repartições publicas.

Fazem-se com promptidão e por preços módicos, na officina de guardasoes e candieiros, de

M. J. Soares dos Reis

19—R. dos Mercadores—23 AVEIRO

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS?

tradução de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume **300**

A' venda o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria **MONACO**, á Praça de D. Pedro—Lisboa.

ALMANACH HACHETTE

PARA 1901

Já se acha á venda na livraria Mello Guimarães, d'esta cidade.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mystérios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a cores por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, esculpam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Prezioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins (O GAFANHAO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para inverno.

Como estamos na estação do inverno tambem lhe acaba de chegar um grande sortimento de fazendas para varinos.

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Baírrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharis, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

PARÁ E MANAUS



Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil, passagens em 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, em todas as companhias de paquetes, a preços reduzidos. Vapores a sahir de Leixões e Lisboa.

As passagens tomadas n'esta agencia gosam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas companhias a srs. passageiros; tambem se sollicitam passaportes e trata-se de obter no Porto e nas provincias todos os documentos necessarios para os mesmos.

Passagens gratis

Concedem-se a familias de agricultores, para o Estado de S. Paulo, pelos paquetes de 28 de maio e 13 de junho.

Para mais esclarecimentos, dirigir aos agentes habilitados, em harmonia com a lei.

Africa Occidental

Paquetes em 6 e 21 de cada mez.

ABEL, PAULO & PEREIRA

82, PRAÇA DA BATALHA, 83

(EM FRENTE AO GOVERNO CIVIL)

PORTO

PUBLICAÇÕES

Bibliotheca

HORAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.

QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz.—3 volumes.

VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza.—1. vol.

EULALIA PONTOIS, de F. Soulié.—1 vol.

A AMOREIRA FATAL, de E. Berthet.—1 vol.

SENHOR EU, de Farina.—1 vol.

Cada volume, 100 rs.

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

COMPANHIA NACIONAL EDITORA

Successora da antiga casa David Corazz

Viagens Maravilhosas

Ceroadas pela academia franceza

A CARTEIRA

DO REPORTER

POR

JULIO VERNE

Com esplendidas illustrações de L. BENETT. Trad. de PEDRO VIDÓEIRA

50 rs. cada semana, no acto da entrega

"O NORTE"

Em Aveiro vende-se no kiosque Central.